



A REPERCUSSÃO DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO DE KARL MANNHEIM NO BRASIL:

uma análise da presença do autor no país e nos estudos de
administração

1- Luiza Venzke Bortoli*

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EA/UFRGS), Brasil.
Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Brasil.
luizabortoli@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/3470587354807364>

2- Shalimar Gallon

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EA/UFRGS), Brasil.
Professora e Pesquisadora na IMED Business School (IMED), Brasil.
shalimargallon@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0624744634005782>

Diego Maganhotto Coraiola – Editor Geral

Editor responsável pela submissão:

Diego Maganhotto Coraiola.

Artigo analisado via processo de revisão duplo cego (*Double-blind*).

Recebido em: 15/01/2015

Aprovado em: 20/06/2016

Última Alteração: 24/06/2016

* Contato Principal: Rua Marechal Deodoro, 1266. Centro, Pelotas, RS, Brasil. CEP: 96.020-220.

A REPERCUSSÃO DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO DE KARL MANNHEIM NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DO AUTOR NO PAÍS E NOS ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO^{1,2}

RESUMO

Karl Mannheim foi um filósofo que buscou entender a Sociologia do Conhecimento de forma mais ampla: como uma filosofia 'atemporal', a qual pode tratar adequadamente os problemas que surgem da situação intelectual presente. Visto a contribuição teórica e metodológica desse estudioso, este artigo visa analisar o surgimento da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e a sua repercussão no Brasil. Para tanto, foi realizado um levantamento do panorama dos estudos na área de Administração, em artigos de 14 periódicos e 9 eventos, a fim de verificar o que vem sendo abordado sobre esse autor no Brasil, bem como identificar estudos e teorias que tem como base essa teoria sociológica. A análise mostra que, apesar de algumas restrições, é significativa a recepção da Sociologia do Conhecimento na sociologia brasileira, tendo impacto no conhecimento sobre a realidade social brasileira. Entretanto, os estudos de Administração no Brasil carecem de embasamento teórico de Karl Mannheim. Esse autor tem influência no conceito de geração, disseminação de cultura, análise de significação, colonialismo e na relação de conhecimento e existencialismo, embora, muitas vezes, sua contribuição teórica nos estudos relativos a esses temas seja negligenciada.

Palavras-Chave

Sociologia do Conhecimento; Karl Mannheim; Presença no Brasil.

THE REPERCUSSION OF KARL MANNHEIM'S SOCIOLOGY OF KNOWLEDGE IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF THE AUTHOR'S PRESENCE IN THE COUNTRY AND ON THE STUDIES OF BUSINESS

ABSTRACT

Karl Mannheim was a philosopher who aimed to understand the sociology of knowledge as a 'timeless' philosophy, which can properly handle the problems that arise from the current intellectual situation. This study aims to analyze the emergence of Karl Mannheim's Sociology of Knowledge and its impact on Brazil. We carried out a survey in order to verify what has been made about this author in Brazil and to identify studies and theories that are based on sociological theory mentioned. The study analyzed 14 periodicals and 9 conferences in the Business area. The analysis shows that, despite some restrictions, it is significant the reception of the Sociology of Knowledge in the Brazilian's sociology which affects the knowledge about the Brazilian's social reality. However, studies in Business in Brazil lack the theoretical basis of Karl Mannheim. This author has influenced the concept of generation, dissemination of culture, significance analysis, colonialism and the relationship of knowledge and existentialism, although often its theoretical contribution to studies on these topics is neglected.

Keywords

Sociology of Knowledge; Karl Mannheim; Presence in Brazil.

1 Introdução

O húngaro Karl Mannheim (1893 – 1947) foi um filósofo que trouxe importantes contribuições para a Sociologia do Conhecimento. No início do século XX, a Sociologia do Conhecimento era baseada nos estudos europeus e na Sociologia americana, desenvolvendo-se fundamentalmente em função de alguns problemas práticos, não questionando os seus próprios fundamentos. O estudo do conhecimento consistia em alguns aspectos do conhecimento ‘prático’, como, por exemplo, comunicação de massa e propaganda, focando basicamente no ‘como’ ao invés de ‘porquês’ (Bertelli, Palmeira, & Velho, 1967).

O termo ‘Sociologia do Conhecimento’ foi utilizado, pela primeira vez, pelo filósofo Max Scheler, na década de 1920, na Alemanha. No entanto, atualmente, quando o assunto é abordado, os estudiosos normalmente referenciam Karl Mannheim, o qual teve suas obras traduzidas para o inglês ou escritas inicialmente nesse idioma, apresentando uma compreensão mais extensa sobre o assunto (Berger & Luckmann, 2003).

A figura intelectual de Mannheim reúne características do modelo de sociologia teórica posterior a Max Weber. No entanto, sua formação filosófica privilegiada, junto aos pensadores mais importantes de seu tempo, permitiu que Mannheim tivesse apoio teórico e metodológico de questões que não haviam sido tratadas abertamente por Max Weber (Yncera, 1993). A produção de Mannheim pode ser dividida em três momentos. No primeiro, em que o autor viveu na Hungria, dedicou-se, principalmente, a temas literários e filosóficos. Outro momento, que ocorreu na Alemanha, foi quando a Sociologia do Conhecimento foi abordada e trabalhos conhecidos foram publicados, como ‘O problema das gerações’ e ‘Ideologia e Utopia’, quando foi citada a Sociologia do Conhecimento. No terceiro momento, Mannheim viveu na Grã-Bretanha e dedicou-se a análises político-pedagógicas sobre temas emergentes da época (Weller, 2005).

Para o filósofo em questão, nenhuma ideologia teria sido capaz de desenvolver uma atitude reflexiva, pois o marxismo, visão de mundo que originalmente aponta a relatividade do conhecimento, não fora capaz de desenvolver premissas epistemológicas entre os seus adeptos (Belli, 2008). Isso levou Mannheim a conceber que todo o conhecimento produzido pela sociedade sobre ela mesma era unilateral e fragmentado. Para uma compreensão mais eficaz da realidade seria necessária uma síntese de perspectivas capaz de adequar os diferentes conhecimentos produzidos em uma unidade coerente e dinâmica (Belli, 2008). A Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim incorpora as contribuições do idealismo alemão e da fenomenologia, por meio da crítica do trabalho de Max Scheller, mantendo como referência o materialismo histórico. Assim, leva os estudiosos a pensarem nas suas próprias inter-relações e não apenas nas suas relações com a natureza.

Karl Mannheim tornou-se notório por sua Sociologia do Conhecimento, que foi desenvolvida para estabelecer as relações entre grupos de interesse atuantes na sociedade e ideias de pensamentos por eles proclamados. O presente artigo visa analisar o surgimento da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e a sua repercussão no Brasil, especificamente nos estudos de Administração. Essa ciência desenvolve-se a partir da interdisciplinaridade com demais áreas do conhecimento, como a Sociologia, que teve influências de Mannheim no seu desenvolvimento como disciplina (Villas Bôas, 2006). Portanto, analisar como os estudos desse sociólogo influenciaram e influenciam a Administração torna-se um meio de compreender como ocorre o desenvolvimento científico nessa área.

Em um primeiro momento, contempla-se a Sociologia do Conhecimento, uma das principais obras de Karl Mannheim. Logo, analisa-se a repercussão da Sociologia do Conhecimento no Brasil. Em seguida, apresenta-se o levantamento realizado nos principais periódicos de Administração, analisando as principais contribuições dos conceitos ‘mannheimianos’ para os estudos da área. Por fim, apresenta-se a conclusão deste artigo, indicando possíveis caminhos para a ampliação da contribuição de Mannheim aos estudos da Administração.

2 A Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim

Em 1925, Mannheim escreveu o artigo “O Problema de uma Sociologia do Conhecimento” e, em 1929, o sociólogo fez a sua publicação alemã mais importante, o livro “Ideologia e Utopia”, que representa seu primeiro esforço de análise de questões contemporâneas (Mannheim, 1947). Essas duas obras apresentam a Sociologia do Conhecimento, a qual surge junto com a própria sociologia (Bertelli et al., 1967), sendo um campo de pesquisa e não uma escola de pensamento (Mannheim, 1947).

Mannheim (1967) salienta que a Sociologia do Conhecimento está baseada em duas escolas – fenomenologia moderna e o historicismo – sendo essa última utilizada como uma doutrina válida e

analisa a doutrina fenomenológica a partir desse enfoque. Para tanto, o autor não analisa as premissas e atitudes fenomenológicas, mas sim o esboço fenomenológico de uma Sociologia do Conhecimento proposta por Max Scheler.

A teoria de Max Scheler baseada na Sociologia do Conhecimento, que até hoje tem sido tratada somente de um ponto de vista positivista, é contraposta por Mannheim. Esse último autor propõe abordar esse problema de outro ponto de vista, “o qual rejeita as doutrinas epistemológicas do positivismo e as conclusões delas deduzidas, e vê no conhecimento metafísico tanto um postulado ‘eterno’ da Razão quanto uma possibilidade prática” (1967, p. 40). Além disso, em Scheler, há uma modificação de uma tendência original de ‘desmascarar’ para uma Sociologia imparcial e, em Mannheim, a questão que se quer examinar é uma filosofia ‘atemporal’ que possa tratar adequadamente os problemas que surgem da situação intelectual presente.

A reflexão proposta por Karl Mannheim é ampla e profunda em relação à Sociologia do Conhecimento. Os seus estudos baseados na análise histórico-estrutural da sociedade e do conhecimento o apontam como o inventor da análise sociológica do conhecimento (Weller, Santos, Silveira, Alves, & Kalsing, 2002). Em função disso, podem ser listados pelo menos três razões que justificam a necessidade de reconsiderar o pensamento de Mannheim no início deste século, como salientam Weller *et al.*(2002):

- a associação do conhecimento e do pensamento ao contexto local;
- o desenvolvimento de reflexões metodológicas e de um método de análise da ação e/ou das práticas cotidianas, que vai além da teoria do indivíduo sobre a sua ação e suas intenções. Nesses escritos, o autor aponta os tipos de interpretação sociológica e apresenta o método documentário de interpretação como essencial para a transcendência da postura imanente para a postura sociogenética; e
- a sua contribuição na definição de conceitos como geração, meio social, estilo e *habitus*.

Para Mannheim (1986), a importância do conhecimento social cresce na razão da necessidade de intervenção reguladora do processo social. Não se deve compreender o modo de pensamento chamado inexato ou pré-científico unicamente pela análise lógica. Portanto, ele busca elaborar um método conveniente para a descrição e para a análise deste tipo de pensamento e de suas mudanças, bem como formular os problemas a ele ligados, ambos fazendo justiça ao seu caráter único e preparando o caminho para sua compreensão crítica. Este método é o da Sociologia do Conhecimento.

A Sociologia do Conhecimento analisa “que existem modos de pensamento que não podem ser compreendidos adequadamente enquanto se mantiverem obscuras suas origens sociais” (Mannheim, 1986, p. 30). Para tanto, há duas principais características do Método da Sociologia do Conhecimento de Mannheim. A primeira é que a abordagem da Sociologia do Conhecimento não parte do indivíduo isolado e de seu pensar a fim de, à maneira do sociólogo, prosseguir diretamente até as abstrações do ‘pensamento em si’. Essa abordagem analisa que o pensamento individualmente diferenciado emerge muito gradativamente a partir de um contexto concreto de uma situação histórico-social. O pensamento não surge dos indivíduos isolados nem dos homens em geral, mas dos homens em grupos que tenham desenvolvido um modo de pensamento particular devido a uma série de respostas a certas situações características de sua posição comum (Mannheim, 1986). Segundo Mannheim (1986), é incorreto dizer que um indivíduo isolado pensa, pois o homem participa no pensar acrescentando-se ao que outros homens pensaram antes dele. Assim, cada indivíduo é pré-determinado em um duplo sentido pelo fato de crescer em uma sociedade, encontrando, por um lado, uma situação definida e, por outro, descobrindo em tal situação padrões de pensamento e de conduta previamente formados.

A segunda característica do método da Sociologia do Conhecimento de Mannheim é a inexistência da separação dos modos de pensamento concretamente existentes do contexto de ação coletiva por meio da qual, em um sentido intelectual, descobre-se inicialmente o mundo. De acordo com o contexto particular da atividade coletiva de que participam, os homens tendem sempre a ver diferentemente o mundo que os circunda (Mannheim, 1986).

Com a Sociologia do Conhecimento, todo o pensamento se processa em uma totalidade histórico-social (Bertelli *et al.*, 1967). Assim, os modos de pensar não podem ser compreendidos sem considerar suas origens sociais, pois a Sociologia do Conhecimento busca compreender o pensamento em uma dada situação histórico-social, em que somente de forma gradativa surge o pensamento individualmente diferenciado. Dessa forma, o indivíduo participa do pensar, acrescentando ao que outros já pensaram (Mannheim, 1986). Toda a perspectiva é situada em um contexto histórico-social e o conjunto de perspectivas anuncia a concepção de mundo (*Weltanschauung*) (Mannheim, 1967).

A compreensão da história do pensamento, ou seja, das mudanças de ideias, deve ser buscada em meio à própria mudança das circunstâncias sociais. Para Mannheim (1967), é possível obter a visão de mundo de um determinado contexto histórico-social, sendo que em cada momento há um conjunto de perspectivas. Compreendendo essas perspectivas, caminhando para a compreensão de cada categoria, entende-se todo o pensamento histórico, identificando a visão de mundo.

Mannheim salienta que “[...] a realidade é sempre mais ampla do que qualquer [uma] das posições parciais que ela produz. Então, se a realidade for extrapolada, pode-se acreditar que eventualmente será encontrada uma ideia sistemática central, que permitirá de fato uma síntese do processo inteiro” (1967, p. 66). Assim, por meio da síntese dos pensamentos, obtém-se a totalidade do pensamento da época, sendo a categoria de totalidade fundamental para a compreensão do todo. Portanto, o foco nas partes é apenas um meio para alcançar a finalidade principal da Sociologia do Conhecimento, que é a totalidade do conhecimento.

Tendo em vista a liberação dos intelectuais da organização religiosa, outras formas de interpretar o mundo tornaram-se reconhecidas (Mannheim, 1986). A fim de identificar as diferentes perspectivas, Mannheim propõe a *intelligentsia*, que consiste em um grupo de intelectuais capaz de abandonar o seu pensamento individual para analisar de fora todas as visões. Esse analista ideológico é o que tem a visão de totalidade, com visão completa sobre todas as visões. O investigador visa, sempre, situar-se relativamente aos grupos e à variedade de tipos de pensamento, sendo que ele precisa ter a capacidade para relativizar os pontos de vista de cada corrente em busca de uma posição de neutralidade, sem tomar partido em nenhuma das perspectivas. De tal modo, o analista ideológico aspira posição de desvinculação do seu enraizamento para analisar as outras correntes. Apesar de o membro individual da *intelligentsia* poder ter uma orientação particular de classe e alinhar-se com um partido político, ele está treinado para ver os problemas do momento a partir de várias perspectivas e não só de uma. O membro da *intelligentsia* está menos engajado em um lado do conflito, sendo capaz de experimentar várias abordagens conflitantes sobre a mesma coisa. A *intelligentsia* deve permanecer crítica de si própria e dos outros grupos, não podendo construir uma ideologia de grupo própria (Mannheim, 1974).

No entanto, Mannheim (1974) ressalta que os intelectuais não são um estrato elevado sobre as classes e não são mais dotados que outros para superar seus próprios engajamentos de classe, pois “é um agregado situado entre e não acima das classes” (Mannheim, 1974, p. 81). Uma genuína situação de *intelligentsia* ocorre quando grupos ascendentes ou descendentes ligam-se a outros estratos, adotando seus valores, o que permite acesso a mundos até então separados (Mannheim, 1974).

Segundo Villas Bôas (2006), a expressão ‘o portador de síntese’, usada por Mannheim em ‘Ideologia e Utopia’ desaparece nas traduções do inglês para o português, sendo substituída por ‘camada intelectual’ e *intelligentsia*. A categoria ‘intelectual manheimiano’ foi acolhida no contexto científico e acadêmico para referir-se ao envolvimento dos cientistas nos processos políticos, deixando de existir uma posição de neutralidade. O adjetivo ‘manheimiano’ serve para distinguir os intelectuais mais comprometidos com a neutralidade e ética científica dos menos envolvidos (Villas Bôas, 2006). Ao ocultar a vinculação do pensamento a um grupo e suas raízes é possível atingir uma nova espécie de controle dos fatores, possibilitando a orientação científica da vida política (Mannheim, 1986).

Assim, Karl Mannheim pode ser considerado um dos autores responsáveis pela inspiração sociológica a respeito das questões do conhecimento. Segundo ele, os estudos, até então produzidos, erravam ao identificar o conhecimento tal como o concebiam (como um sujeito abstrato, isolado, desvinculado de qualquer situação existencial) sendo essa a única forma possível do conhecimento confiável. De acordo com o autor, os modos de pensamento resultavam da vida social, nasciam das práticas e para as práticas desenvolvidas no âmbito dessa vida (Gusmão, 2011). É defendida a ideia de que o conhecimento está ligado ao processo social mais amplo, relevando a relação entre o conhecimento e a sociedade, ou seja, as visões de mundo são construções criadas socialmente.

Dessa forma, o autor afirma que todo pesquisador é um metafísico quando não pode deixar de isolar os acontecimentos, pois deve buscar suas conexões causais. A capacidade do pesquisador de interpretar o mundo e de dominar os fenômenos que são encontrados tanto na vida diária quanto nas ciências culturais, depende de categorias conceituais, as quais constituem o mais valioso instrumento para interpretações.

Em função dessas reflexões, Karl Mannheim teve seus pressupostos utilizados para embasar os estudos na hermenêutica, tendo como finalidade compreender o significado dos conceitos. Ademais, tem sido referência para abordar os estudos sobre gerações e colonialismo (Weller et al., 2002). Entre os temas em que aparecem as ideias de Mannheim estão: educação, classes sociais, papel da

sociologia, tendo em vista seus modos de pensar e a estrutura social. Mannheim teve grande representatividade por gerações de intelectuais e sociólogos, estimulando um debate intenso sobre a verdade, a neutralidade, a objetividade, o papel dos intelectuais e o controle das diferentes esferas da vida social. Já no Brasil, especialmente, Mannheim obteve destaque entre os intelectuais engajados nas lutas políticas (Villas Bôas, 2006).

Os conceitos de colonialismo e pós-colonialismo possuem suporte teórico a partir da compreensão de que todo o conhecimento produzido pela sociedade sobre ela mesma seria unilateral e fragmentado. O processo histórico “traz dados sempre novos à superfície, que pedem interpretação e podem levar a uma desintegração ou modificação dos sistemas previamente existentes. (...) cada uma das imagens da história passada ajudaram a moldar a época na qual emergiram” (Mannheim, 1986, p. 64) e a mudança sociológica é “a mudança no significado de um conceito ocorrida quando este conceito é adotado por um grupo que vive num meio social diferente, de tal maneira que a significação vital do conceito se torna diferente” (Mannheim, 1986, p. 77).

Os conceitos de processo histórico e de mudança sociológica definidos por Mannheim (1986) mostram a importância da análise do contexto histórico-social de cada sociedade, a qual cada indivíduo faz seus próprios entendimentos de acordo com o modo como aquele momento histórico-social permite entender. Quando esse mesmo indivíduo tenta ‘exportar’ esse conhecimento para outros contextos, surge o entendimento de colonialismo.

Já o conceito de geração pode ser entendido pelo fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico (Weller, 2010). Cada pessoa “vive com gente da mesma idade e de idades distintas em uma plenitude de possibilidades contemporâneas. Para cada um o mesmo tempo é um tempo distinto, quer dizer, uma época distinta de si mesmo, que é partilhada com seus coetâneos” (Mannheim, 1964, p. 517 como citado em Weller, 2010).

Assim, Mannheim (1964, p. 530 como citado em Weller, 2010) apresenta cinco aspectos que são relevantes para entender uma sociedade com mudanças geracionais (sociedade contemporânea) para uma sociedade utópica e imaginária:

1. a constante irrupção de novos portadores de cultura;
2. a saída constante dos antigos portadores de cultura;
3. a limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico;
4. a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados;
5. o caráter contínuo das mudanças geracionais.

As gerações são processos dinâmicos e interativos na perspectiva da teoria ‘mannheimiana’, pois a constante inserção de novos portadores de cultura é responsável pela vitalidade e dinamicidade das sociedades (Weller, 2010). Assim, a sucessão de gerações provoca perdas de bens culturais acumulados, pois “a entrada de novas pessoas obstrui os bens constantemente acumulados, mas também produz inconscientemente nova seleção e revisão no campo do que está disponível; nos ensina a esquecer o que já não é útil e a desejar o que ainda não foi conquistado” (Mannheim, 1964, p. 532 como citado em Weller, 2010).

Juntamente com esses pressupostos, Mannheim (1967) analisa a realidade empírica na construção de significados, pois não se podem conceber as entidades metafísicas fora de um contato essencial com aquele que reina a experiência que representa para nós a realidade última de mundo. Dessa maneira, cada uma das imagens da história passada ajudou a moldar a época na qual emergiram, sendo assim, um processo significativo porque “toda palavra tem um significado diferente em culturas diferentes” (Mannheim, 1967, p. 70).

Dentro desse fenômeno, Mannheim salienta a evolução dos significados. Cabe ressaltar que a noção do conceito evolução não tem a perspectiva evolucionista Darwinista ou Positivista (a fim de alcançar um fim ou um estado final), nem como Bacherlad (2006) referia-se a uma ‘revolução’ das ideias. A evolução do conhecimento refere-se à ampliação de significados, ou seja, às diversas maneiras de se entender um mesmo objeto, pois ele varia de acordo com o contexto em que está inserido, não havendo a necessidade de sempre se rever esse conceito. Assim, “o significado do objeto futuro da totalidade da história será visto de maneira diferente de acordo com o ponto particular que cada grupo ocupa no processo total” (Mannheim, 1967 p. 62), podendo existir diferentes maneiras de se entender um objeto. Dessa forma, cada época ou estrato teria o seu próprio quadro de referência para entender seus conceitos.

Apesar de o grande reconhecimento e contribuição do autor, há críticas sobre os estudos de Karl Mannheim. Rodrigues Júnior (2002) observa que o estudioso não se posiciona com clareza

quanto à autoridade da Sociologia do Conhecimento em promulgar a validade científica do conhecimento dada a sua gênese social. Embora tenha apontado, em diferentes momentos, para o fato de que era possível apresentar a Sociologia do Conhecimento como uma teoria empírica das relações efetivas do conhecimento com a situação social, sem levantar quaisquer problemas epistemológicos, ele não sustenta teoricamente a importância da gênese social do conhecimento para a validade científica do mesmo; tampouco apontou para a possibilidade da Sociologia do Conhecimento interferir na construção de critério de validade do conhecimento científico. De fato, para Rodrigues Júnior (2002), Mannheim não construiu, no decorrer de sua obra, um núcleo teórico de caráter epistemológico, que conseguisse fazer frente à fundamentação analítica que permeava o fazer científico naquele momento.

Outra crítica referente a Karl Mannheim é que o estudioso é essencialmente limitado ao contemplar a determinação social da consciência e não abordar o processo inverso e a objetivação da realidade social. Muñoz (1993) ressalta que o autor segue uma lógica relativista e que essa seria incoerente como uma sociologia do conhecimento.

Yncera (1993) também indica que os estudos de Mannheim apresentam problemas epistemológicos na interpretação do método científico das ciências naturais, que escolhe a quantificação abstrata como único critério de verdade, e em tarefas de segmentação, impróprios para as pesquisas interdependentes. Uma sociologia orientada para a redução sociológica é incapaz de explicar as realidades sociais porque se fecha ao reconhecimento do especificamente conjuntivo ou relacional da experiência social (Yncera, 1993).

Embora existam essas críticas, principalmente em relação ao relativismo dos estudos de Karl Mannheim, esse filósofo mostra a compreensão da historicidade dos fenômenos sociais, como ainda não havia sido abordada. Caso isso não tivesse ocorrido, os estudiosos de epistemologia, prisioneiros ainda de uma 'filosofia estática da razão', não teriam se dado conta da dimensão histórica, dinâmica, mutável, do entendimento humano. Também não teriam percebido o quanto as categorias mais gerais desse entendimento variavam, tanto na forma como no conteúdo, ao longo da história intelectual, não cabendo, portanto, concebê-las em termos absolutos (Gusmão, 2011).

Além disso, Mannheim se mostra importante, como salienta Gusmão (2011), em função da atualidade das teorias críticas do autor. Os estudiosos de epistemologia do seu tempo não levam em consideração os achados das ciências empíricas particulares. Mannheim antecipa, em décadas, tendências mais recentes da Sociologia do Conhecimento e da reflexão epistemológica, por isso, ainda é considerado como um dos mais importantes autores nessa área.

Diante da expansão da Sociologia do Conhecimento de Mannheim, busca-se conhecer como os intelectuais brasileiros fizeram uso dos conceitos por ela abordados. Dessa forma, a próxima seção analisa a repercussão do tema no contexto brasileiro.

3 Repercussão da Sociologia do Conhecimento de Mannheim no Brasil

As proposições de Mannheim sobre a origem e a validade das ideias influenciaram intelectuais europeus e norte-americanos, antes e após a Segunda Guerra Mundial (Villas Bôas, 2006), sendo que em meados do século XX, a Sociologia do Conhecimento ganha *status* universitário na Europa (Bertelli et al., 1967). No Brasil, os livros de Mannheim tornaram-se públicos pouco tempo após sua publicação nos Estados Unidos e na Inglaterra. A recepção de Mannheim, no Brasil, ocorreu nos debates da construção da sociologia como disciplina e na construção da sociedade moderna com base no conhecimento científico (Villas Bôas, 2006).

A situação de formação do mercado editorial brasileiro nos anos de 1950, com poucos títulos e autores disponíveis aos leitores brasileiros, bem como as várias reedições de alguns livros de Mannheim, como 'Ideologia e Utopia', evidenciam o interesse dos editores nas ideias do autor e sua repercussão no contexto nacional. Entre os temas em que aparecem as ideias de Mannheim estão: educação, classes sociais e papel da sociologia, tendo em vista seus modos de pensar, e a estrutura social (Villas Bôas, 2006).

Segundo Villas Bôas (1997), as ciências sociais brasileiras, em especial a sociologia, seriam decorrentes da união entre a teoria sociológica francesa e métodos empíricos norte-americanos. No entanto, há alguma conexão entre a sociologia brasileira e a alemã, em que estão inclusos os trabalhos de Mannheim. No Brasil, a sociologia surge para investigar a identidade da sociedade brasileira, sendo que posteriormente, a Sociologia do Conhecimento engajou-se no processo de desenvolvimento histórico do Brasil.

Quando os sociólogos brasileiros identificaram-se como atores das mudanças sociais, fazendo valer seus ideais de modernidade como tarefas da sociologia, Hans Freyer, Karl Mannheim e Max

Weber aparecem como referências. A obra 'Ideologia e Utopia' de Mannheim também é destaque nesse período. Mannheim está presente nos escritos de Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos e Costa Pinto, que buscavam traçar a sociologia que deveria ser feita no Brasil (Villas Bôas, 1997).

Entre os autores que abordaram as obras de Mannheim, destaca-se Florestan Fernandes. A sociologia desse sociólogo e político brasileiro sintetiza as contribuições de diversas fontes, sendo uma delas o diálogo com os principais sociólogos que contribuem para a pesquisa e a interpretação da realidade social, sobressaindo-se Mannheim (Ianni, 1996). Fernandes (1970) defende uma proposta de sociologia com o objetivo de síntese das múltiplas perspectivas sociológicas. Conforme Mannheim, a 'síntese dialética' oferece a visão mais completa possível de uma situação histórico-social concreta (Fernandes, 1970). Na realização da síntese surgem categorias de pensamento social que constituem a camada de conhecimento comum, acima dos partidos e conflitos sociais. No entanto, segundo Freitag (2005), Florestan Fernandes não assumiu uma posição de neutralidade, mas preferiu usar sua origem social para denunciar uma sociedade que se diz democrática, mas que reforça injustiças pelas concentrações de renda.

Fernandes (1970) indica que grupos em oposição na estrutura social elaboram uma 'síntese dialética' ligada aos interesses de suas posições sociais. Essas sínteses formam a visão de mundo dos grupos, sendo por meio dela que os grupos guiam suas ações, transformando-as em matéria ativa do processo de mudança social. Contudo, para Mannheim, a síntese não é exclusiva de grupos sociais revolucionários, pois está ligada às condições sociais que a possibilitam (Souza, 2009).

A análise histórica evidencia a complementaridade dos diversos tipos de pensamento social. Cada variedade de pensamento capta certos aspectos da realidade. Enquanto que nas ciências naturais é possível separar teoria e prática, nas ciências sociais essa relação é uma condição para o pensamento científico. Para Mannheim, o conceito de ciência deve ser revisto, pois a noção de que só o quantitativo e o mensurável é ciência aplica-se somente a certos tipos de fenômenos. A aplicação desse conceito na ciência política implica na desconsideração de que nesse contexto é preciso conceber sujeito e objeto em sua relação orgânica. "O teste primário a que deve responder um conhecimento sociologicamente válido está contido nas condições da situação histórico-social estudada" (Fernandes, 1970, p. 250). Segundo Fernandes (1970), ao mostrar as relações entre teoria e prática como condição do conhecimento nas ciências sociais, adotando uma postura distinta das ciências da natureza, Mannheim possibilitaria uma oportunidade de o homem conduzir adequadamente seus desejos de modificação racional da sociedade.

Fernandes (1970, p. 261) lembra que Mannheim "orientou a investigação sociológica em uma admirável e ambiciosa direção: a busca dos elementos técnicos capazes de dominar a contemporânea, bem como as futuras convulsões sociais de nosso mundo". Com a análise de Mannheim, Fernandes (1970) indica que a ciência da sociedade assume um papel específico, "o de racionalizar os conflitos sociais e imprimir um horizonte coletivamente desejadas às mudanças sociais" (Souza, 2009), já que o objetivo da sociologia não é apenas ter conhecimento da mudança social, mas, ter o seu controle (Fernandes, 1970).

Outro intelectual brasileiro influenciado por Mannheim é o economista Celso Furtado que afirmava ser um estudioso do sociólogo (Furtado, 1997, p. 99 como citado em Rezende, 2004). O contato com sua obra ocorreu nos primeiros anos da Faculdade de Direito, da Universidade do Brasil. Furtado expõe que (Entrevista *in* Vieira, 2007)

[...] Mannheim foi fundamental. Ele me iluminou, me tirou do tecnicismo. Pude perceber que há valores, que o planejamento não decorre apenas de uma boa estratégia. Há que estar iluminado por valores, para ser democrático. Mannheim me ensinou a ver a sociedade como um sistema de valores, antes de tudo.

Celso Furtado dialogou com Mannheim sobre a planificação democrática, a reconstrução institucional e o papel social dos intelectuais em épocas de crises que ameaçavam a liberdade. Para Furtado, as dimensões individual e social constituem a matéria de reflexão do cientista sobre as mudanças pelas quais as sociedades passam (Rezende, 2004).

Assim, Celso Furtado compartilha com Mannheim a ideia de que há um grupo de intelectuais socialmente voltados para os interesses da sociedade como um todo (Rezende, 2004), compreendendo o conceito de *intelligentsia*. No entanto, assim como Fernandes, Furtado também não assumiu uma posição de despreendimento dos interesses de classe (Freitag, 2005). Nesse sentido, o economista reforça a ideia de que os homens de ciência, ligados aos interesses sociais e nacionais, deveriam guiar as discussões sobre os problemas de desigualdades, pobreza e concentração de rendas, propondo novos valores, novas instituições políticas e novos modos de operacionalizar a vida pública. Desde os anos de 1950, Furtado indicava que o intelectual deveria

assumir o desafio de compreender o sentido do processo social vigente no mundo atual (Rezende, 2004).

Segundo Furtado (1997 como citado em Rezende, 2004), a Sociologia do Conhecimento era um meio de ligar a atividade intelectual do homem à história. O homem de ciência deveria ser um homem de ação, sendo capaz de compreender as estruturas sociais, suas mudanças e permanências, como elaborar e implementar projetos para a reversão das desigualdades sociais. O estudioso em questão ressaltava que o homem precisa de uma autonomia intelectual, sendo que aquele que se submete a um partido perde sua autonomia, pois precisa responder aos ditames externos à sua atividade de reflexão e análise (Rezende, 2004).

A neutralidade científica no conhecimento da realidade social, independente de classe social ou afiliação partidária, possibilitaria modos racionais de gerenciamento dos negócios públicos e a possibilidade de gestão científica da sociedade. Para obter o desenvolvimento, deveria, necessariamente, haver submissão da política à técnica racional e, em último caso, a despolíticação do espaço social. Furtado indica a possibilidade de o intelectual sobrepor-se às determinações sociais, movendo-se a um plano de racionalidade mais elevado, o que o leva a enxergar mais do que se estivesse vinculado a um determinado grupo ou cultura (Vieira, 2007), o que está de acordo com a *intelligentsia* de Mannheim.

Outro intelectual que se refere à Mannheim é Alberto Guerreiro Ramos, o qual aborda o conceito de *intelligentsia* ao tratar das relações raciais. O sociólogo propõe uma intervenção sociológica por meio da formação de uma *intelligentsia*, que estaria livre de interesses sociais específicos, a fim de superar a divergência entre a condição de cidadão livre obtida com a abolição e a sua situação econômica e sociocultural na década de 1940. Por meio da *intelligentsia*, seria possível uma ascensão sociocultural dos negros e mulatos, visando à formulação de uma política de enfrentamento do racismo (Maio, 2015).

Guerreiro Ramos, em concordância com Mannheim, apontava que o maior objetivo da sociologia era procurar soluções para as crises (Rezende, 2005). Conforme Guerreiro Ramos, com uma *intelligentsia* nacional seria possível equacionar as diferenças entre os grupos sociais (Shiota, 2014). Portanto, intelectuais com diferentes visões poderiam elaborar conhecimentos da realidade brasileira.

A Sociologia do Conhecimento também foi abordada por Luiz de Aguiar Costa Pinto. Ele pensava as Ciências Sociais a partir de Mannheim, considerando-as como ciências de orientação, admitindo o papel transformador do Estado (Daniel, 2013). Costa Pinto recorre a Mannheim ao tratar da passagem de uma estrutura social arcaica para moderna, sem desarmonia entre as classes sociais. Segundo o autor, para o desenvolvimento do Brasil, seria necessária uma aliança entre 'elites transformadoras', *intelligentsia* e Estado. Para que houvesse esse desenvolvimento, deveria ser suprimida a relação de dependência com as nações desenvolvidas (Naves, 1999), sugerindo-se um desvencilhamento da ideia de colonialismo.

Como abordado por Villas Bôas (2006), Mannheim influenciou estudiosos no Brasil. O interesse na totalidade do conhecimento em um dado momento a partir de várias perspectivas (Mannheim, 1974) é constatado entre os pensadores brasileiros. A realização da síntese a fim da obtenção de um conhecimento comum, além dos partidos políticos, é considerada por Florestan Fernandes e Celso Furtado. Além disso, é verificado o interesse de modificação racional da sociedade por Fernandes (1970), bem como a busca, por Furtado, da neutralidade científica a fim de racionalmente gerenciar os negócios públicos e a sociedade (Vieira, 2007). O conceito de *intelligentsia* também influenciou Guerreiro Ramos e Costa Pinto.

Com a análise realizada, averigua-se que a Sociologia do Conhecimento no Brasil contribuiu para a compreensão da sociedade, tendo destaque no contexto político. A seguir, apresenta-se o levantamento realizado para verificar as principais contribuições dos conceitos 'mannheimianos' nos estudos de Administração.

4 Karl Mannheim nos Estudos de Administração no Brasil

A fim de identificar o que está sendo abordado sobre a Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim foi realizado um levantamento da produção acadêmica nos principais periódicos e eventos da área de Administração no Brasil para analisar o embasamento teórico na Sociologia do Conhecimento do autor em questão. Foram escolhidos os periódicos de maior representatividade para a área de Qualis A1, A2, B1 e B2, além dos eventos promovidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), que são os principais eventos da área de Administração no Brasil. Ao total, foram analisados 14 periódicos e 9 eventos. Os periódicos analisados foram: Gestão & Produção (UFSCAR), Revista de Administração Contemporânea (RAC),

RAC Eletrônica, Avaliação (UNICAMP), Cadernos EBAPE.BR (FGV), Economia e Sociedade (UNICAMP), Economia Global e Gestão, Produção, Revista de Administração Mackenzie (RAM), Revista de Administração (FEA-USP), Organizações & Sociedade, Revista de Ciências da Administração (CAD/UFSC), RAE e Novos Estudos CEBRAP. Já os eventos examinados são os seguintes: Encontro dos Estudos Organizacionais (EnEO), Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD), Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ) Encontro de Marketing, Encontro de Estudos em Estratégia, Simpósio, Encontro em Administração de Políticas Públicas, Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho e Encontro da Administração de Informação.

Na presente pesquisa, foram utilizados como base de análise os artigos publicados no período de 2001 a 2012. Este período foi escolhido para identificar a influência da Sociologia do Conhecimento de Mannheim na produção acadêmica nos primeiros anos do século XXI. A seleção dos artigos obedeceu aos seguintes critérios: (1) estar na faixa de tempo pesquisada, de 2001 a 2012 e (2) abordar a Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim. A busca resultou no encontro de apenas um artigo com base teórica nos estudos de Karl Mannheim, o qual foi encontrado no evento EnEO e é intitulado em 'O que diria Karl Mannheim sobre o Conhecimento aos Consultores Organizacionais? Uma Discussão Preliminar sobre a Disseminação da Cultura do *Management* e o Papel de Intelectual do Consultor'.

A fim de aprofundar esse levantamento, utilizaram-se as seguintes palavras-chave nos periódicos e eventos da ANPAD: Karl Mannheim, Mannheim, Sociologia do Conhecimento, Colonialismo e Pós-Colonial. A escolha dessas palavras ocorreu em função de serem conceitos que podem ter embasamento teórico da Sociologia do Conhecimento de Mannheim, visto a influência que esse autor teve em autores brasileiros, como Guerreiro Ramos, Costa Pinto, Florestan Fernandes e Celso Furtado.

A segunda busca totalizou 14 artigos levantados: Revista de Ciências da Administração (5); RAE (4); Novos Estudos CEBRAP (1); EnEO (2); EnANPAD (1); e EnPQ (1). A Figura 1 apresenta título, local de publicação, autores e ano de publicação dos estudos levantados.

Título	Local de Publicação	Autores	Ano
Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina	RAE-e	Maurilio Galdino e Emmanuel Rauffelt	2003
O Triste Espólio, o Misterioso Desaparecimento e o Glorioso Triunfo do Interacionismo Simbólico	RAE	Gary Alan Fine	2005
O que diria Karl Mannheim sobre o Conhecimento aos Consultores Organizacionais? Uma Discussão Preliminar sobre a Disseminação da Cultura do Management e o Papel de Intelectual do Consultor	EnEO	Ana Márcia Batista Almeida, Vinícius Farias Moreira e Fátima Regina Ney Matos	2006
Em busca de uma agenda brasileira de pesquisa em estratégia de Marketing	RAE	Alexandre Faria	2006
Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes	Novos Estudos	Boaventura de Sousa Santos	2007
É Possível Escapar do Colonialismo em Responsabilidade Social Empresarial no Brasil? Uma Proposta Pluralista, Praxeológica e Estruturacionista	EnANPAD	Fernanda Filgueiras Sauerbronn	2009
O Pesquisador como o Outro: uma Leitura Pós-Colonial do "Borat" Brasileiro	EnEPQ e RAE	Rafael Alcadipani e Alexandre Reis Rosa	2009 e 2010
Por uma Perspectiva Pós-Colonial nos Estudos Organizacionais	EnEO	Alexandre Reis Rosa, Rafael Alcadipani e Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros	2010

Figura 1 - Artigos Levantados

Os 5 artigos encontrados na Revista de Ciências da Administração não citavam Mannheim, nem os assuntos apontados na presente pesquisa, visto que o sistema de busca do periódico localizou artigos que abordavam 'sociologia' ou 'conhecimento'. Logo, esses 5 artigos não foram considerados para a análise. Já os outros 8 artigos, apesar de não serem embasados nas teorias do autor em questão, abordam Sociologia do Conhecimento e Colonialismo, temas que Karl Mannheim teve influência.

Para análise da contribuição dos artigos levantados, desenvolveu-se a Figura 2, a qual apresenta os conceitos e perspectivas utilizadas por seus autores. Nota-se que, entre os autores, destacam-se Rafael Alcadipani e Alexandre Reis Rosa, que possuem três artigos, embora dois deles

sejam bem similares e de mesmo título – um apresentado em evento e outro publicado em revista – e, portanto, analisados em conjunto.

Título	Conceitos e Perspectivas dos estudos analisados
Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina	<ul style="list-style-type: none"> - É uma resenha sobre o sociólogo Pablo Gonzáles Casanova e seus estudos; - Ressalta o conceito de 'colonialismo interno' abordado por Casanova: "um modelo de investigação integral e básica requer que se vá às fontes qualitativas da investigação, realizando na elaboração do próprio modelo o vai-vem dos termos qualitativos aos quantitativos e vice versa"; - É abordado que Casanova questiona duramente a antropologia clássica porque apesar de ajudar a sociedade a conhecer a realidade do excluído e explorado com um senso humanista, essa antropologia nunca foi anticolonialista, pois uma ciência da metrópole não consegue pensar a partir da colônia, visto que seus dados são descritivos e não uma denúncia (refere-se ao modernismo liberal-empírico que vê a economia como variável principal da modernidade); - Casanova fez algumas críticas epistemológicas: (i) os valores e ideologia que o pesquisador leva para sua obra; (ii) o problema da transposição de categorias de uma ciência ou de uma área de estudo para outra; (iii) os pré-conceitos contidos na filosofia do pesquisador, como desigualdade, que, na visão liberal, se opõe ao conceito de igualdade individual, não coletiva ou o pré-conceito de desenvolvimento que na visão liberal carrega a tonalidade do conceito de processo, ou de evolução, de algo pior ou menos bom para algo melhor ou mais bom etc.; e (iv) o problema dos modelos metafísicos: "liberdade e responsabilidade dos homens, não obstante a existência de determinismos econômicos e estruturais".
O Triste Espólio, o Misterioso Desaparecimento e o Glorioso Triunfo do Interacionismo Simbólico	<ul style="list-style-type: none"> - O artigo busca entender se a interação simbólica tornou-se excessivamente fragmentada ou foi incorporada à sociologia, ou triunfou ao transformar a disciplina. O artigo não chega a um consenso, mas aborda diversas perspectivas; - É abordada uma sociologia do conhecimento nas palavras-chave, mas não há uma conceitualização do termo; - O interacionismo simbólico sofreu alterações; anteriormente, considerados partidários de uma perspectiva marginal opositora, que confrontava a abordagem positivista e quantitativa da linha majoritária da sociologia, os interacionistas simbólicos descobrem agora que muitos dos seus conceitos nucleares foram aceitos. Simultaneamente, o seu cerne como comunidade intelectual ficou enfraquecido pela diversidade de interesses daqueles que se auto-identificam com a perspectiva; - O futuro papel do interacionismo: os conceitos do interacionismo tornaram-se, em boa medida, a maioria dos conceitos da sociologia, mas essa não é seguramente uma conquista insignificante para uma perspectiva que recentemente recebeu a pecha de exaurida; - Os conceitos do interacionismo foram doados às teorias predominantes. Não se trata apenas da falta de um centro, mas da existência de uma periferia que não pertence somente à perspectiva. Assim, é questionado: há a necessidade de um grupo de sociólogos que se intitulam com essa antiga alcunha, enquanto outros compartilham seu trabalho?
O que diria Karl Mannheim sobre o Conhecimento aos Consultores Organizacionais? Uma Discussão Preliminar sobre a Disseminação da Cultura do Management e o Papel de Intelectual do Consultor	<ul style="list-style-type: none"> - Aborda a disseminação do conhecimento por meio da cultura (ênfase para a cultura do <i>management</i>) praticada e difundida pelos consultores organizacionais na sociedade, especialmente no meio empresarial; - A abordagem de conhecimento são os estudos de Karl Mannheim, na qual o conhecimento é entendido como resultado da ação coletiva dos indivíduos, evoluindo, dinamicamente, a cada geração, por meio da cultura; - A pesquisa traz as concepções de Sociologia do Conhecimento e de geração de Mannheim ao analisar que o pensamento é social e histórico, no qual os homens herdaram padrões de comportamento dos seus antepassados e os transmitem às sociedades futuras; - Essa acumulação é cultural, não é realizada pelos mesmos grupos, sendo desenvolvida por indivíduos que estabelecem contatos diferenciados com a herança das gerações: "a experiência passada somente tem relevância se for, concretamente, incorporada ao presente" (Mannheim, 1982, p. 76); - O consultor organizacional foi indagado sobre o exercício de um papel intelectual, assumindo responsabilidades sociais, e não somente com a disseminação do conhecimento.

Continua...

Continuação...

<p>Em busca de uma agenda brasileira de pesquisa em estratégia de Marketing</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O autor aborda uma sociologia do conhecimento nas palavras-chave do artigo, mas explora o seu conceito profundamente; - O estudo implica na constituição de uma agenda de pesquisa em estratégia de marketing em países tidos como menos desenvolvidos, tais como o Brasil, visto que, em termos históricos, as relações de poder entre empresas e consumidores são bem mais assimétricas em economias menos desenvolvidas do que nas mais desenvolvidas; - As estratégias de marketing das grandes corporações costumam ser abusivas em economias tidas como menos desenvolvidas por não seguirem os princípios de marketing. Esse quadro vem ficando cada mais preocupante devido ao avanço da globalização e da correspondente disseminação de práticas e discursos baseados nas ideias de “livre mercado” e de “livre empresa”. Isso ajudou a elevar, de forma exagerada, o poder político e econômico das grandes corporações em relação aos consumidores e mesmo aos governos locais, em detrimento do poder relativo dos princípios de marketing dentro dessas empresas; - O artigo mostra que conhecimento dominante de marketing não pode ser tido como neutro, nem mesmo nos Estados Unidos; - Por meio de uma abordagem histórica de análise, o autor chama a atenção que a constituição de agendas de pesquisa no Brasil não deve necessariamente se basear na aversão à academia norte-americana nem se restringir ao mero esforço de adaptar às características locais o conhecimento dominante produzido e publicado nos Estados Unidos.
<p>Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O autor faz uma crítica ao pensamento moderno ocidental que traz a linha abissal (o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”) por meio de um olhar hegemônico; - O pensamento “deste lado da linha” é o pensamento contemporâneo que admite somente a aplicação científica entre verdadeiro e falso e não aceita as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia (conhecimento aceitável “do outro lado da linha”); - Os deslocamentos das linhas globais epistemológica e jurídica pareciam convergir para o encolhimento e finalmente para a eliminação do outro lado da linha, mas não foi isso o que aconteceu, como mostram a teoria da dependência, a teoria do sistema-mundo moderno e os estudos pós-coloniais; - Traz o conceito do pensamento pós-abissal que é o reconhecimento de que a exclusão social, no seu sentido mais amplo, assume diferentes formas conforme seja determinada por uma linha abissal ou não-abissal e da noção de que enquanto persistir a exclusão definida abissalmente não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista. Sem esse reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo, que continuará a reproduzir as linhas abissais por mais antiabissal que se autoproclame; - Sugere uma “ecologia de saberes”: diferentes práticas de conhecimento têm lugar em diferentes escalas espaciais e com diferentes durações e ritmos. Muitas das experiências subalternas de resistência são locais ou foram localizadas e assim tornadas irrelevantes ou inexistentes pelo conhecimento abissal moderno, o único capaz de gerar experiências globais; - As profundas diferenças entre “saberes” levantam a questão da incomensurabilidade, questão utilizada pela epistemologia abissal para desacreditar a mera possibilidade de uma ecologia de saberes. Assim, o autor questiona: será possível estabelecer um diálogo entre a filosofia ocidental e a filosofia africana?
<p>É Possível Escapar do Colonialismo em Responsabilidade Social Empresarial no Brasil? Uma Proposta Pluralista, Praxeológica e Estruturacionista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não há embasamento teórico do conceito de colonialismo; - Ao citar Caldas e Wood (1997), há um posicionamento quanto às consequências e impactos da perspectiva colonialista nas práticas em países emergentes, ao considerar a reprodução em massa, em diferentes tipos de organização e contextos, em função da falta de reflexividade crítica da área, sendo um aspecto importante para pesquisadores em países como o Brasil que historicamente consome e reproduz os modelos norte-americanos dominantes; - Traz uma perspectiva crítica ao modelo dominante de Responsabilidade Social ao salientar a reprodução do conhecimento a partir de uma posição à margem do modelo dominante desenvolvido no âmbito da literatura norte-americana de Responsabilidade Social, fortemente influenciada pelas escolas prescritivas da área.

Continua...

Continuação...

<p>O Pesquisador como o Outro: uma Leitura Pós-Colonial do "Borat" Brasileiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É abordada a aplicação do método etnográfico com o intuito de analisar como as diferenças de cunho colonial preservam hierarquias sociais que acabam se manifestando na prática da pesquisa científica; - O estudo cita Guerreiro Ramos, mas não aprofunda suas contribuições; - Observa o significado da chegada dos europeus no continente americano: ao terem o primeiro contato, duas culturas se descobrem simultaneamente. Logo, cada uma delas teria algo a dizer sobre esse contato, narrando sua própria experiência sobre a descoberta. Contudo, historicamente, não foi assim que as coisas aconteceram e o significado da descoberta ficou nas mãos do colonizador, que monopolizou a narrativa, subordinou a cultura autóctone e impôs sua versão aos outros protagonistas do encontro cultural; - A teoria pós-colonial ou pós-colonialismo é pensar a descoberta como um evento bilateral, em que ambas as narrativas são legítimas pelo fato de apresentarem visões diferentes do contato cultural a fim de ouvir a voz subalterna e considerar sua narrativa sobre o descobrimento com a mesma validade do colonizador; - Analisa como o pesquisador brasileiro é percebido pelo pesquisador europeu; - Usa a teoria pós-colonial a partir de uma crítica ao eurocentrismo e da sua pretensão de alcançar um conhecimento "uni-versal", produzindo uma "verdade" sobre o sujeito subalterno não-europeu, que no caso em análise trata-se um tipo de Tropicalismo que atribui diversos estereótipos aos habitantes do continente latino americano caracterizando um tipo de racismo epistêmico.
<p>Por uma Perspectiva Pós-Colonial nos Estudos Organizacionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Usa o autor Guerreiro Ramos (1996 [1958]) para embasar o conceito de pós-colonialismo como uma possível 'ferramenta' epistemológica para os estudos críticos sobre organizações no Brasil; - Aborda o método da "redução sociológica" que consiste em apreender a dinâmica colonial de maneira crítica, apropriando-se do conhecimento (ou prática) de maneira seletiva, fazendo as devidas mediações a partir da dinâmica local, regional ou nacional (Guerreiro Ramos, 1996 [1958]); - Toma a reflexão de Guerreiro Ramos em pensar a realidade local a partir das suas próprias bases e da sua própria história, rompendo com a lógica colonial de explicar o outro a partir de si mesmo a fim de superar o etnocentrismo europeu e norte-americano; - O estudo concluiu que há uma modernização de fachada na sociedade brasileira, pois os problemas sociais ainda se fazem presentes, ofuscando os efeitos do colonialismo.

Figura 2 - Análise dos conceitos e perspectivas dos artigos levantados

Os conceitos que aparecem foram os de colonialismo, pós-colonialismo, sociologia de conhecimento e geração, trazendo diversas contribuições. Apesar de grande parte dos artigos abordarem o colonialismo e necessidade de entender o contexto brasileiro, apenas Guerreiro Ramos é citado, dentre os autores brasileiros que tiveram teorias embasadas em Mannheim. E outra questão importante a ressaltar, é que os estudos que abordaram uma Sociologia do Conhecimento de alguma temática não expuseram o entendimento sobre tal pressuposto.

A partir dos dados encontrados nesse levantamento, é evidenciado como os estudiosos deixam de fazer o devido aprofundamento teórico nos autores clássicos que foram importantes para a construção e desenvolvimento teórico da Sociologia do Conhecimento. Visto a expressiva contribuição que Mannheim trouxe para os estudos da Sociologia, as atuais pesquisas deveriam ter um embasamento maior nesse importante autor. No entanto, cabe ressaltar que cada vez mais os periódicos demandam referências atuais nos artigos submetidos para avaliação, o que fragiliza a revisitação aos autores clássicos.

5 Considerações Finais

Uma das maiores contribuições de Mannheim foi ter indicado aspectos referentes à gênese do conhecimento ao qual a Epistemologia Analítica não apresentava uma solução satisfatória. Diferentes correntes teóricas, oriundas de estudos sociais do conhecimento, da cultura e da ciência, possibilitaram o surgimento de uma orientação teórica mais ambiciosa denominada, mais amplamente, de estudos sociais da ciência e, mais especificamente, no âmbito da Sociologia, de Sociologia do Conhecimento Científico (Rodrigues, 2002). Foram vários os estudos sociais da ciência, sob esta nova designação, que passaram a compreender, não apenas as preocupações epistemológicas da Sociologia do Conhecimento manheimiana, como também a possibilidade de ter como objeto legítimo de seu conhecimento, o conhecimento científico (Rodrigues, 2002).

De fato, a relevância dos estudos de Mannheim é de grande importância, independentemente da área de estudo. Esse autor influenciou e ainda influencia diversas pesquisas, entretanto, muitas vezes, poucos estudiosos voltam à base teórica de Mannheim para embasar novas pesquisas. Conforme analisado, a Sociologia do Conhecimento também está presente no desenvolvimento da

sociologia no Brasil. Florestan Fernandes, Celso Furtado, Guerreiro Ramos e Costa Pinto foram os principais estudiosos influenciados por Mannheim. Os dois primeiros autores abordaram o conceito de *intelligentsia* proposto por Mannheim. Fernandes defende uma proposta de sociologia com o objetivo de síntese das múltiplas perspectivas sociológicas, obtendo um conhecimento comum, acima dos partidos e conflitos sociais. Furtado indica que o intelectual deve ter autonomia e ser um homem de ação.

Fernandes e Furtado enfatizam a preocupação com a desvinculação partidária para a obtenção de uma visão completa da realidade social brasileira. Fernandes destacou a síntese na ciência política, em que uma visão de totalidade é obtida sem o viés de um determinado partido, mas pela compreensão das diferentes correntes atuantes em um determinado momento. Já Furtado é enfático ao considerar que o homem deveria comprometer-se com projetos de reversão da desigualdade social. Com isso, o intelectual deveria usar sua neutralidade para obter uma visão completa da situação, mas ser determinado a resolver os problemas das desigualdades. Já Guerreiro Ramos trata da *intelligentsia* nas relações raciais e Costa Pinto na análise das diferenças entre as classes sociais.

Dessa forma, os intelectuais brasileiros analisados neste estudo não se desvinculam de seus interesses e origens sociais, no entanto, consideram a obtenção de uma visão de totalidade sem a filiação partidária. Mesmo havendo esforço para a posição de neutralidade, os intelectuais não se desligam de sua origem social para a obtenção de uma visão de totalidade. O esforço do analista para extrair o seu próprio conceito a fim de ter um olhar de fora é considerado, mas não é absoluto, pois o sujeito que analisa possui uma posição. Contudo, apesar de suas restrições, ainda assim é significativa a recepção da Sociologia do Conhecimento na sociologia brasileira, tendo impacto no conhecimento sobre a realidade social brasileira.

O levantamento dos estudos publicados na área de Administração entre 2001 e 2012, a fim de verificar o que vem sendo publicado no Brasil referente às contribuições de Mannheim, mostram que as pesquisas de Administração não têm levado em consideração a base sociologia mannheimiana. De 14 artigos encontrados, somente 9 artigos abordavam o tema Sociologia do Conhecimento, colonialismo e/ou pós-colonialismo e apenas um artigo cita o autor Karl Mannheim, em uma busca realizada em 14 periódicos e 9 eventos renomados da área da Administração. A pequena quantidade de artigos encontrados mostra que as pesquisas que buscam entender a Sociologia do Conhecimento pouco têm se importado, no período analisado, com as contribuições mannheimianas, o que pode ser considerado uma falha, visto a expressiva contribuição que esse autor trouxe para os estudos da Sociologia.

Dessa maneira, cabe aos pesquisadores alguns questionamentos: os estudos publicados estão buscando as contribuições dos autores clássicos? O que esses autores contribuem com as pesquisas atuais? Há uma reflexão em cima dos novos estudos para questionar e compreender os autores clássicos em uma nova perspectiva? Ou que é produzido acaba deixando de lado as contribuições anteriores?

Cabe ressaltar o baixo estímulo aos textos de Karl Mannheim, o que perpetua um limitado número de publicações que o referenciam. Há um comodismo em estudar autores mais tradicionais, como Max Weber, Karl Marx, Michael Foucault e Pierre Bourdieu, criando um círculo vicioso nas pesquisas. Sugere-se, então, que além de uma mudança no roteiro de estudos filosóficos e/ou sociológicos, as pesquisas futuras busquem embasar teoricamente os estudos, a partir da revisitação a autores clássicos bem como trazer outros filósofos que tiveram repercussão nos estudos do próprio Max Weber e Karl Marx para trazer novas contribuições e perspectivas para a academia.

Ainda, analisando a contribuição de Mannheim, além dos conceitos já analisados (*intelligentsia*, gerações, colonialismo, pós-colonialismo e sociologia do conhecimento), há outros conceitos que podem ser analisados na perspectiva 'mannheimiana', tal como o significado dos objetivos e a sua repercussão dentro da pesquisa científica, como exposto ao longo deste artigo. Além de entender o significado do objetivo dentro do seu contexto, também se pode analisar, dentro da sociologia e da antropologia, sobre o 'afastamento do pesquisador' para entender o objeto pesquisado dentro de sua realidade, sem levar em consideração o entendimento do pesquisador. Assim, questiona-se: será que os pesquisadores conseguem ampliar o significado dos objetivos analisados, deixando de lado os seus valores mais arraigados e tentam entender os objetos dentro de seus contextos, ou os seus valores são tão intrínsecos que inconscientemente colocam os seus valores nos objetos pesquisados? Haveria a existência de um analista intelectual possível que analisasse o todo objetivamente? Ou ainda: pode-se analisar um fenômeno objetivamente sem emitir o julgamento de valor do pesquisador?

Apesar de existirem críticas ao autor e poucas pesquisas atuais, Karl Mannheim é um estudioso de grande contribuição teórica. Como Gusmão (2011, p. 237) ressalta, "estamos diante de um

espírito poderoso, de um grande autor, cuja prosa constitui, ainda hoje, fonte do mais genuíno prazer intelectual”, pois mesmo com algumas falhas, esse autor não perde a grandeza e não deixa de ser um grande sociólogo.

Notas

1. Agradecemos aos revisores pelos comentários e sugestões que contribuíram para a expansão das ideias deste artigo.
2. Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro.

Referências

- Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2009). O pesquisador como o *outro*: uma leitura pós-colonial do “Borat” brasileiro. *Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, Curitiba, PR, 2.
- Alcadipani, R., & Rosa, A. R. (2010). O Pesquisador como o Outro: uma Leitura Pós-Colonial do “Borat” Brasileiro. *Revista de Administração de Empresas*, 50(4), 371-382.
- Almeida, A. M. B., Moreira, V. F., & Matos, F. R. N. (2006). O que diria Karl Mannheim sobre o Conhecimento aos Consultores Organizacionais? Uma Discussão Preliminar sobre a Disseminação da Cultura do *Management* e o Papel de Intelectual do Consultor. *Anais do Encontro dos Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, 4.
- Bachelard, Gaston. (2006). *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70.
- Belli, R. B. (2008). Uma “sociologia crítica do conhecimento”: Michael Löwy e sua proposta de sociologia do conhecimento. *Revista Urutágua – Revista Acadêmica Multidisciplinar*, 15.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2003). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bertelli, A. R., Palmeira, M. G. S., & Velho, O. G. (1967). Introdução. In Mannheim, K., Merton, R. K., & Wright-Mills, C. *Sociologia do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Caldas, M., & Wood, T. Jr. (1997) For the English to See: the Importation of Managerial Technology in Late 20th-century Brazil. *Organization*, 4(4), 517-534.
- Daniel, L. S. (2013). Educação e desenvolvimento social: discussões do intelectual João Roberto Moreira (décadas de 1950/1960). *Revista Brasileira de História da Educação*, 13(2), 189-215.
- Faria, A. (2006). Em busca de uma agenda brasileira de pesquisa em estratégia de Marketing. *Revista de Administração de Empresas*, 46(4), 13-24.
- Fernandes, F. (1970). *Elementos de sociologia teórica*. São Paulo: Ed. Nacional.
- Fernandes, F. (1976). *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. São Paulo: Pioneira.
- Freitag, B. (2005). Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados*, 19(55), 229-243.
- Fine, G. A. (2015). O Triste Espólio, o Misterioso Desaparecimento e o Glorioso Triunfo do Interacionismo Simbólico. *Revista de Administração de Empresas*, 45(4), 87-105.
- Rezende, M. J. (2004). Celso Furtado e Karl Mannheim: uma discussão acerca do papel dos intelectuais nos processos de mudança social. *Human and Social Sciences*, 26(2), 239-250.
- Galdino, M., & Rauffelt, E. (2003). Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina, *RAE-eletrônica*, 2(2), 2-6.
- Rosa, A. R., Alcadipani, R., & Medeiros, C. R. O. (2010). Por uma Perspectiva Pós-Colonial nos Estudos Organizacionais. *Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*, Florianópolis, SC, 6.
- Gusmão, L. de. (2011). A Crítica da Epistemologia na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, 26(1), 221-239.
- Ianni, O. (1996). A sociologia de Florestan Fernandes. *Estudos Avançados*, 10(26), 25-36.
- Maio, M. C. (2015). Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos. *Cadernos EBAPE.BR*, 13(Edição Especial), 605-630.
- Manheim, E. (1947). Karl Mannheim 1893-1947. *American Journal of Sociology*, 52(6), 471-474.
- Mannheim, K. (1967). O problema de uma sociedade do conhecimento. In Mannheim, K., Merton, R. K., & Wright-Mills, C. *Sociologia do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Mannheim, K. (1974). *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva.

- Mannheim, K. (1982). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Mannheim, K. (1986). *Ideologia e utopia* (4 ed.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Muñoz, J. C. G. (1993). El Retorno de La Sociología del Conocimiento de Mannheim a uma Epistemología de Corte Weberiano. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 62, 45-59.
- Naves, S. C. (1999). Velhos Temas, Abordagens Atuais. *Revista Estudos Históricos*, 13(24), 471-476.
- Rezende, M. J. (2004). Celso Furtado e Karl Mannheim: uma discussão acerca do papel dos intelectuais nos processos de mudança social. *Human and Social Sciences*, 26(2), 239-250.
- Rezende, M. J. (2005). A Sociologia como forma de intervir no melhoramento da vida humana: as idéias de Costa Pinto e Guerreiro Ramos lidas à luz de algumas considerações sobre as Ciências Sociais e o mundo hoje. *Mneme - Revista de Humanidades*, 7(14), 25-53.
- Rodrigues, L., Jr. (2002). Karl Mannheim e os problemas Epistemológicos da Sociologia do Conhecimento: é possível uma solução Construtivista? *Episteme*, 14, 115-138.
- Rosa, A. R., Alcadipani, R., & Medeiros, C. R. O. (2010). Por uma Perspectiva Pós-Colonial nos Estudos Organizacionais. *Encontro da ANPAD*, Florianópolis, SC, 6.
- Santos, B. S. (2007). Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, 79, 71-94.
- Sauerronn, F. F. (2009). É Possível Escapar do Colonialismo em Responsabilidade Social Empresarial no Brasil? Uma Proposta Pluralista, Praxeológica e Estruturacionista. *Encontro da ANPAD*, São Paulo, SP, 33.
- Shiota, R. R. (2014). Guerreiro Ramos e a questão racial no Brasil. *Temáticas*, 22(43), 73-102.
- Souza, P. O. (2009). Mudança social no Brasil: as abordagens de Florestan Fernandes e Costa Pinto no início dos anos 1950. *Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro, RJ, 14.
- Villas Bôas, G. K. (1997). A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil. Notas Para Uma Discussão. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 44, 73-80.
- Villas Bôas, G. K. (2006). *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Yncera, I. S. de la. (1993). Crisis y Orientación. Apuntes sobre el Pensamiento de Karl Mannheim. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 62, 17-43.
- Weller, W. (2005). A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, 7(13), 260-300.
- Weller, W. (2010). A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2), 205-224.
- Weller, W., Santos, G., Silveira, R. L. L. da, Alves, A. F., & Kalsing, V. S. S. (2002). Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Revista Sociedade e Estado*, 18(2), 375-396.